

Modalidade: **Comunicação Oral**

Sub-Tema: **Território juvenis- o rural e o urbano**

**TÍTULO: DO RIO AO ASFALTO: O TERRITÓRIO VIVIDO DOS
ADOLESCENTES EM CUMPRIMENTO DE MEDIDA
SOCIOEDUCATIVA DE INTERNAÇÃO NA REGIÃO
METROPOLITANA DE BELÉM.**

Pâmela Costa da Silva – Universidade Federal do Pará/UFPA

A pesquisa *“Do rio ao asfalto: O Território vivido dos adolescentes em cumprimento de medidas socioeducativa (MSE) de internação na Região Metropolitana de Belém (RMB)”* se propõe a discutir as trajetórias dos adolescentes no Sistema Socioeducativo como um processo de territorialização-desterritorialização-reterritorialização (TDR) gerado pelo deslocamento dos adolescentes oriundos do interior do estado para a Região Metropolitana de Belém. No bojo desse deslocamento se produz e reproduz territorialidades, conformando um território vivido. Para os fins desta pesquisa, propomos uma abordagem territorial das trajetórias dos adolescentes em cumprimento de medida socioeducativa de Internação, através do seu processo de entrada e permanência no Sistema Socioeducativo, uma vez que as vivências nas Unidades de Atendimento Socioeducativo- UASE’s se configuram como elementos que corroboram para a (des)construção de suas territorialidades e, por conseguinte, agem no processo de desterritorialização e reterritorialização dos mesmos.

Diante de um panorama em que o perfil do adolescente é traçado sem levar em consideração a sua singularidade, reflito se os adolescentes do interior e os adolescentes da RMB interagem da mesma forma com a prática do ato infracional, ou seja, os adolescentes “infratores” ou em conflito com a lei, ao partilharem de experiências semelhantes: a prática do ato infracional e o cumprimento de medida socioeducativa de internação, o seu processo de TDR e as suas territorialidades serão (des)construídas da mesma forma? O território vivido será o mesmo?

Para fugir da homogeneização tentadora que agrupa os adolescentes na categoria “infrator” como se este fosse o único elemento da sua identidade como sujeito, tudo que está anteriormente (des)construído, presentemente e futuramente é sufocado pelo termo

“infrator”, essa invisibilidade imposta pode ser também assumida pelo próprio sujeito. Acreditamos que esta questão pode ser nítida ou turva, no decorrer da pesquisa, mas de alguma forma se revelará nas territorialidades des(construídas) dos adolescentes pelo processo de TDR que conformam o território vivido desses sujeitos nas UASE’s e fora dela.

Nossa proposta está para além da prática infracional, pretendemos analisar se é a entrada do sujeito/adolescente no sistema socioeducativo que gera o processo de TDR, ou se esse processo já está em movimento antes mesmo da sua institucionalização, ou melhor, a entrada no sistema é o marco de um processo de desterritorialização de si mesmo, do núcleo familiar, da escola, da rua, das drogas? É possível demarcar espaço-temporalmente esse movimento?

Em suma a pesquisa tem como objetivo geral compreender como os adolescentes, mesmo institucionalizados, constroem e desconstroem o território vivido, imprimindo novas e velhas territorialidades no decorrer contínuo e descontínuo do processo de territorialização-desterritorialização-reterritorialização.

PALAVRAS- CHAVE: Adolescentes. Território Vivido. Medidas Socioeducativas